PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS DA LINGUAGEM
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

PROCESSO SELETIVO PARA INGRESSO NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM / PPGEL – MESTRADO OU DOUTORADO - 2026

PROVA ESCRITA
LINHA DE PESQUISA: ESTUDOS LINGUÍSTICOS

CPF: _____

ORIENTAÇÕES:
1. A prova deve ser respondida com caneta esferográfica azul ou preta;
2. A prova é individual e sem consultar a qualquer material de apoio;
3. É vedada toda e qualquer forma de diálogo entre o/as candidato/as;
4. O/A candidato/a não deve se identificar na prova por meio de nome ou assinatura;
5. O/A candidato/a deve anotar o número do CPF em todas as folhas de resposta;
6. O/A candidato/a deve responder a todas as questões;
7. Conforme exposto no edital de seleção, A avaliação da prova escrita exigirá que o/a candidato/a demonstre: a) capacidade analítica; b) capacidade de síntese; c) coerência e coesão textual; d) consistência teórica; e) posicionamento crítico.

VAGAS PARA CANDIDATO/AS COTISTAS:

Antes de realizar a prova, marque no campo abaixo se você está inscrito/a para concorrer às vagas reservadas para candidato/as cotistas e identifique a que cota você está concorrendo:

( ) Sim. Qual: _____
( ) Não

Marque a sua opção:
Nível: ( ) Mestrado ( ) Doutorado
• As pessoas candidatas à seleção do Mestrado devem escolher duas das questões abaixo.
• As pessoas candidatas à seleção do Doutorado devem escolher três das questões abaixo.

Lembre-se de, na sua folha de resposta da prova, numerar as questões de acordo com a numeração abaixo:

Questão 1: A partir dos fragmentos a seguir e considerando os pressupostos teóricos e as reflexões do professor Gersem José dos Santos Luciano (2017), escreva sobre língua, educação e interculturalidade na perspectiva indígena destacando os desafios e as possibilidades político-pedagógicos de valorização das línguas indígenas no Brasil. Para fundamentar a sua resposta, você poderá trazer outras referências bibliográficas do campo dos Estudos da Linguagem.

O primeiro e o maior desafio é superar o problema histórico e mental da cultura colonial equivocada e preconceituosa que vem se perpetuando ao longo dos mais de cinco séculos na relação entre o Estado e os povos indígenas. Não há como garantir a valorização concreta, ascendente e sustentável das línguas indígenas enquanto os povos indígenas, falantes dessas línguas, continuarem sendo considerados como contingentes populacionais transitórios (Luciano, 2017, p. 303).

O status de inferioridade colonialista imputado arbitrariamente aos povos indígenas, que vem causando entre as línguas indígenas o excesso de empréstimos linguísticos, como faz a escola, conduz essas línguas a posições secundárias, subalternizadas, inferiorizadas, empobrecidas e arranjadas. Aliás, essa é uma das estratégias colonialistas mais conhecidas e perversas, em que os povos indígenas são estimulados ou obrigados a realizar mudanças culturais com o argumento de que elas são necessidades modernas garantidas pelas leis, portanto, são direitos, e uma vez incorporadas, individual ou coletivamente, são usadas como justificativas para negação ou perdas de direitos (Luciano, 2017, p. 304).

[...] É necessário destacar alguns aspectos relevantes da função política das línguas indígenas, no contexto das lutas mais amplas do movimento indígena. O primeiro aspecto é o poder prático e simbólico que as línguas indígenas possuem entre os povos indígenas e na sociedade mais ampla. As línguas indígenas são fundamentais nos processos de luta por reconhecimento e legitimação material da identidade étnica, que resultam em reconhecimento de direitos específicos. Além disso, as línguas indígenas proporcionam a autoestima dos indivíduos e grupos falantes, no contexto das alteridades e autonomias étnicas e linguísticas (Luciano, 2017, p. 307).

Questão 2: Partindo das citações de hooks (2017) que estão na sequência, escreva sobre a língua como instrumento de poder, dominação, luta e resistência relacionado os conceitos trazidos por Gabriel Nascimento (2019) e por bell hooks (2017). Para fundamentar a sua resposta, você poderá recorrer a outras referências bibliográficas do campo dos Estudos da Linguagem.

Temos pouquíssimo conhecimento de como os africanos desalojados, escravizados ou livres que vieram ou foram trazidos contra a vontade aos Estados Unidos se sentiram diante da perda da língua, de ter de aprender inglês.

Somente como mulher comecei a pensar nesses negros em sua relação com a língua, a pensar em seu trauma quando foram obrigados a assistir à perda de sentido da sua língua por força de uma cultura europeia colonizadora, onde vozes consideradas estrangeiras não podiam se levantar, eram idiomas fora da lei, fala de renegados (hooks, 2017, p. 224-225).

Embora precisassem da língua do opressor para falar uns com os outros, eles também reinventaram, refizeram essa língua, para que ela falasse além das fronteiras da conquista e da dominação. Nas bocas dos africanos negros do chamado "Novo Mundo", o inglês foi alterado, transformado, e se tornou uma fala diferente. Os negros escravizados pegaram fragmentos do inglês e os transformaram numa contralíngua (hooks, 2017, p. 226-227).

Transformando a língua do opressor, criando uma cultura de resistência, os negros criaram uma fala íntima que podia dizer muito mais do que as fronteiras do inglês padrão permitiam. [...] É absolutamente essencial que o poder revolucionário do vernáculo negro não seja pedido na cultura contemporânea. Esse poder reside na capacidade do vernáculo negro de intervir nas fronteiras e limitações do inglês padrão (hooks, 2017, p. 228).

Questão 3: Com base no fragmento a seguir e na leitura do ensaio "O problema do texto na linguística, na filosofia e em outras ciências humanas", explique como Bakhtin distingue o texto como fenômeno das ciências humanas dos fenômenos das ciências naturais, destacando o papel da linguagem como sistema de signos que fundamenta a existência do texto.
Fragmento: "Cada texto pressupõe um sistema universalmente aceito (isto é, convencional no âmbito de um dado grupo) de signos, uma linguagem (ainda que seja a linguagem da arte). Se por trás do texto não há uma linguagem, este já não é um texto, mas um fenômeno das ciências naturais, por exemplo, um conjunto de gritos naturais e gemidos desprovidos de repetição linguística. É claro, todo texto (seja ele oral ou escrito) compreende um número considerável de elementos naturais diversos, desprovidos de qualquer configuração semiótica, que vão além dos limites da investigação humanística (linguística, filosófica, etc.), mas são por esta levados em conta (a deterioração de um manuscrito, uma dicção ruim, etc.). Não há nem pode haver textos puros. Além disso, em cada texto existe uma série de elementos que podem ser chamados de técnicos (aspecto técnico-gráfico da obra, etc.)." (BAKHTIN, 2017, p. 309).

Questão 4: Labov e Rajagopalan, embora partam de tradições teóricas distintas, convergem na compreensão da linguagem como um **fenômeno socialmente situado** e como **instrumento de transformação das relações humanas.** Enquanto Labov enfatiza a relação entre **fatores sociais de larga escala e padrões linguísticos** — abordando temas como variação, bilinguismo e políticas linguísticas —, Rajagopalan defende que o estudo da linguagem deve estar comprometido com uma **dimensão ética e política**, voltada à relevância social da pesquisa linguística.

Com base nas ideias dos dois autores, e nos fragmentos de apoio a seguir, **explique como a linguagem reflete e, ao mesmo tempo, constrói as relações sociais,** e **discuta de que modo a perspectiva crítica de Rajagopalan amplia a abordagem sociolinguística de Labov, incorporando a ética e a responsabilidade social ao campo dos estudos da linguagem.**

Uma área de pesquisa que tem sido incluída na sociolinguística talvez seja rotulada mais adequadamente de sociologia da linguagem. Lida com fatores sociais de larga escala e sua interação mútua com línguas e dialetos. Há várias questões abertas e diversos problemas práticos associados com o declínio e a assimilação de línguas minoritárias, o desenvolvimento do bilinguismo estável, a padronização de línguas e o planejamento do desenvolvimento da língua em nações recém-surgidas. O estímulo linguístico para tais estudos é primordialmente o de que dada pessoa ou grupo usa a língua X num contexto ou domínio social Y." (Labov, 2008, p. 215).

"Quando me refiro a uma linguística crítica, quero, antes de mais nada, me referir a uma linguística voltada para questões práticas. [...] nosso trabalho tem que ter alguma relevância. Relevância para as nossas vidas, para a sociedade de modo geral." (Rajagopalan, 2003, p. 12).